

A parábola do rico e Lázaro – (Lucas 16:19–31)

Com alegria iniciaremos uma nova série de estudos, na qual examinaremos cuidadosamente as parábolas de Jesus e os profundos ensinamentos que elas revelam. Cada mensagem será um convite à reflexão, ao arrependimento e ao crescimento na fé. Convidamos você a caminhar conosco nessa jornada pela Palavra de Deus, abrindo o coração para aprender, ouvir e praticar a preciosa Palavra de Deus.

Introdução

Vamos refletir sobre o tema: O grito que veio tarde demais

A parábola do rico e Lázaro é de fácil compreensão, a verdade básica é que a morte não põe fim definitivo à existência do ser humano. Há muitas especulações sobre a morte.

Todavia nesse texto, Jesus descortina levantando a ponta do véu e mostrando com clareza o que acontece na eternidade.

Nesse texto há um contraste entre o que acontece aqui nessa vida debaixo do sol, e o que acontece após a morte na eternidade.

O relato do rico e Lázaro, registrado no Evangelho segundo escreveu Lucas 16:19–31, é uma das advertências mais solenes pronunciadas por Jesus acerca da eternidade.

A narrativa apresenta dois homens que viveram realidades opostas: um cercado de luxo, outro mergulhado em dor e abandono. Um, vivia todos os dias regalada e esplendidamente, ostentando uma vida de luxo.

Outro padecia fome e sofria com feridas que assolavam o seu corpo.

Contudo, a morte revela uma inversão surpreendente, mostrando que a vida presente não é o capítulo final da existência humana.

A parábola do rico e Lázaro mostra dois contrastes, um contraste na vida, outro contraste na eternidade.

Na vida um era rico, o outro era mendigo e nada tinha.

Na eternidade o que nada tinha, agora tem uma riqueza imensurável, e o que era rico encontra-se em tormento eterno.

Na eternidade Lázaro é consolado e o rico é atormentado.

Na parábola do rico e Lázaro Jesus ensina que prosperidade material não é sinal da aprovação de Deus, assim como o sofrimento não significa esquecimento e abandono de Deus.

O rico não foi para o inferno por ser rico e Lázaro não foi para o seio de Abraão por ser pobre.

Ninguém é salvo por ser pobre como também ninguém será condenado por ser rico.

O centro da mensagem na parábola do rico e Lázaro não é a riqueza em si, mas a dureza de um coração indiferente, dominado e encharcado pela avareza.

O homem rico contemplava Lázaro todos os dias à sua porta, todavia escolheu desprezá-lo e rejeitá-lo. O homem rico ao invés de estender a mão da misericórdia e socorrer Lázaro em suas necessidades, preferiu fechar o coração com a chave da avareza.

Essa indiferença revelou a real condição do seu coração diante de Deus.

A parábola do rico e Lázaro nos conduz a refletir sobre compaixão, refletir sobre misericórdia, e refletir sobre o preparo individual que temos de ter para a eternidade. Cada decisão tomada em vida possui um peso eterno.

A parábola do rico e Lázaro nos chama a examinar onde está o nosso tesouro. A parábola do rico e Lázaro nos chama a examinar qual o caminho que estamos trilhando.

Estamos trilhando o caminho estreito que conduz a vida eterna? Ou estamos trilhando o caminho largo que conduz a perdição eterna?

Não se trata apenas de como vivemos, mas para quem vivemos.

A parábola do rico e Lázaro termina com um alerta: As oportunidades cessam. As oportunidades tem prazo de validade.

Por isso, hoje é tempo de se arrepender de seus pecados, e crer no evangelho.

Para melhor compreensão dessa parábola destacamos alguns pontos.

O primeiro ponto: A parábola do rico e Lázaro ensina que a morte é o sinal de igualdade na equação da vida.

Morre o sábio, morre o ignorante.

Morre o jovem, morre o idoso.

Morre o forte, morre o fraco.

Morre o famoso, morre o anônimo.

Morre o rei, morre o servo.

Morre o que junta, morre o que nada tem.

Morre o honrado, morre o desprezado.

Morre o líder, morre o liderado.

A morte é o sinal de igualdade na equação da vida. Todos estão sujeitos à morte.

Ricos e pobres, fortes e fracos, sábios e ignorantes caminham para o mesmo encontro inevitável, o túmulo gelado, a sepultura fria.

(Eclesiastes 3:20) Todos vão para um lugar; todos são pó e todos ao pó tornarão.

Todos procedem do pó e ao pó retornarão; essa é a lembrança solene da fragilidade humana. A vida, por mais intensa que pareça, é breve como um sopro e rápida como a sombra que passa.

Cada dia que nasce nos aproxima silenciosamente da eternidade. A morte não é possibilidade distante, mas certeza inevitável para todos os viventes.

Nenhuma conquista riqueza ou honra pode deter a morte quando chega o seu tempo.

Diante dessa realidade, a existência terrena revela seu caráter transitório.

O ser humano caminha, senta, deita, levanta, dorme, acorda, constrói, planeja, trabalha, vende, compra, vive e convive, mas sua permanência aqui na terra é limitada, é passageira.

Do berço a sepultura, todos fazem o mesmo trajeto.

Contudo, a eternidade não é breve nem é passageira: a eternidade é definitiva, é para sempre. Por isso, a maior necessidade do ser humano não está em viver muito, mas em viver preparado para a eternidade.

A morte é a porta que se abre para a eternidade, e todos nós, inevitavelmente, haveremos de passar por ela.

Cada instante da nossa vida se torna precioso quando lembramos que não se repete mais.

O tempo é agora; amanhã pode ser o dia da sua morte. Que hoje, portanto, seja o dia do seu arrependimento.

A vida humana é frágil e incerta, semelhante a um vapor que aparece por um pouco de tempo e logo se dissipa.

Portanto, adiar o arrependimento é um risco silencioso, pois ninguém tem garantia do próximo amanhecer. A voz de Deus chama no presente, não no futuro.

A vida é curta, a morte é certa, mas a eternidade é interminável. Assim, viver bem é viver à luz daquilo que nunca terá fim.

Ao reconhecermos que a morte nivela todos os homens sendo o sinal de igualdade na equação da vida, somos levados a uma pergunta inevitável: como estamos vivendo antes que esse momento chegue?

É justamente aqui que o ensino avança para o segundo ponto.

Segundo ponto: A parábola do rico e Lázaro ensina sobre o Perigo de um Coração Preso ao Dinheiro

John Rockefeller, o primeiro bilionário do mundo, disse certa vez que: o homem mais pobre que existe é aquele que só tem dinheiro.

De fato, o problema não está na riqueza em si, mas no apego exagerado e desordenado a ele. O amor ao dinheiro, quando domina o coração, se torna um caminho perigoso, capaz de conduzir à perdição eterna.

Nenhuma riqueza ou fortuna acumulada pode ser levada para além da sepultura; não há gavetas em caixões nem cofres no túmulo.

O rico da parábola demonstrou que o seu coração estava encharcado pela avareza, ao revelar indiferença e não estender a mão para suprir a necessidade de Lázaro, que jazia à sua porta e desejava alimentar-se das migalhas que caíam da sua mesa.

O deus do homem rico era Mamom, ou seja, o dinheiro.

Hoje, muitos matam por dinheiro, casam e se divorciam por causa dele. A corrupção tem se instalado em diversos lugares pelo amor ao dinheiro, e a ganância e a ambição de acumular riquezas têm levado muitos à ruína.

(1 Timóteo 6:10) Porque o amor do dinheiro é a raiz de todos os males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé, e se traspassaram a si mesmos com muitas dores.

Esse texto deixa claro que não é o dinheiro em si que corrompe, mas o apego exagerado e desordenado a ele, que pode levar à ruína espiritual e ao sofrimento eterno no inferno.

A verdadeira vida não é medida pela quantidade de bens materiais que alguém possui.

O problema não está em ter dinheiro, o verdadeiro perigo é deixar que ele nos domine.

O problema não é ter dinheiro no bolso, o maior e mais grave problema é ter dinheiro no coração. O dinheiro é um excelente servo, mas um péssimo patrão.

Quando o dinheiro se torna senhor de nossa vida, nos conduz à destruição e a perdição eterna.

A ambição de acumular riquezas têm levado muitas pessoas à ruína espiritual e emocional.

Muitas famílias estão sendo destruídas pelo apego exagerado e desordenado ao dinheiro, e nenhum sucesso material compensa o fracasso, a ruína e a destruição da família.

Ao reconhecermos o perigo de um coração preso ao dinheiro e os danos que a ganância e a avareza podem causar, somos levados a refletir sobre outra lição igualmente crucial da parábola do rico e Lázaro: a necessidade de não deixar passar as oportunidades que Deus nos concede.

É nesse sentido que avançamos para o terceiro ponto.

Terceiro ponto: A parábola do rico e Lázaro ensina sobre o perigo de deixar passar as oportunidades

O clamor do homem rico, descrito por Jesus, ecoa como um grito tardio que já não podia ser atendido. Do lugar de tormento, no inferno, ele reconheceu o valor das oportunidades que desprezou em vida, mas já era tarde demais.

O grito, o clamor e a súplica por misericórdia do homem rico vieram tarde demais.

Diz a Escritura na Carta aos **Hebreus 9:27** que: **Aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo.**

Essa verdade solene nos lembra, que enquanto respiramos e temos vida sobre a terra, temos à oportunidade dada por Deus para nos arrepender dos nossos pecados.

A morte fecha a porta da oportunidade definitivamente.

Muitos acreditam que sempre haverá outra chance, mas o texto bíblico revela que há um limite que não pode ser ultrapassado.

A parábola do rico e Lázaro mostra que a morte é inevitável. O perdão, a salvação é no tempo que chama hoje, amanhã pode ser eternamente tarde demais para se arrepender e buscar a face de Deus.

O homem rico só valorizou a misericórdia quando já não podia alcançá-la. Assim também ocorre com quem endurece o coração hoje. O perigo está em adiar para amanhã o que se pode fazer hoje.

Enquanto há vida, há oportunidade; após a morte, resta apenas o juízo.

Por isso, o tempo presente é o momento de se arrepender dos seus pecados, e voltar-se para Deus.

Não podemos e não devemos brincar com o tempo, pois ele passa e não volta mais.

A eternidade é construída nas escolhas feitas agora.

Depois de compreendermos o perigo de deixar passar as oportunidades somos conduzidos à última lição da parábola: a realidade definitiva dos dois destinos eternos.

É aqui que aprendemos sobre os dois lugares, duas eternidades e as consequências eternas das escolhas feitas em vida, encerrando assim os ensinamentos de Jesus nessa narrativa.

O quarto é último ponto: A parábola do rico e Lázaro ensina sobre dois lugares, dois destinos, duas eternidades.

Na parábola do rico e Lázaro, Jesus revelou que a morte não é o fim, mas é a porta de entrada para destinos eternos e diferentes.

Após o último suspiro de vida, não há neutralidade: haverá descanso e consolo para uns e para outros haverá desespero e tormento.

Para uns, proximidade com Deus, para outros, separação definitiva da presença de Deus.

O rico e Lázaro viveram na terra, respiraram o mesmo ar, todavia fizeram escolhas diferentes e trilham caminhos opostos.

O rico morreu e foi lançado no inferno, Lázaro também morreu, mas foi levado pelos anjos ao paraíso.

Após a morte, a parábola do rico e Lázaro mostra claramente que a alma continua consciente e que há destinos diferentes para os justos e os ímpios.

Nesse contexto, os aniquilacionistas — aqueles que negam a imortalidade da alma e acreditam que os ímpios deixarão de existir após o juízo — divergem do ensino bíblico, pois a narrativa evidencia sofrimento consciente para o rico e descanso para Lázaro.

A parábola do rico e Lázaro confirma que a alma não se extingue com a morte, mas experimenta consequências eternas segundo suas escolhas.

A parábola do rico e Lázaro confirma que a alma do ser humano é imortal e, após a morte, entra na eternidade, sendo conduzida ao céu ou ao inferno.

A parábola do rico e Lázaro ensina que existem apenas dois destinos finais, céu ou inferno, e cada pessoa nesse mundo caminha em direção a um deles. O inferno fica no final de uma vida sem Jesus.

A morte é uma viagem de passagem apenas de ida; depois dela, não há mudança de destino. Encerrada a vida terrena, cessam as oportunidades de arrependimento. Após o juízo, a sentença não é anulada nem revisada.

O que é semeado em vida é colhido na eternidade.

O que fazemos nesta vida ecoa na eternidade.

O relato de Jesus sobre o rico e Lázaro é um apelo urgente para que ninguém trate a eternidade com indiferença.

Conclusão

A vida do homem rico foi cheia de prazeres, mas vazia de arrependimento.

O clamor tardio do homem rico mostra que, depois da morte, não há segunda chance. O homem rico viveu sem considerar a eternidade.

Indiferença hoje pode se tornar arrependimento impossível amanhã.

Hoje é dia de ajustar prioridades, abrir o coração e responder à voz de Deus.

Depois da morte não há revisão de decisões — só resta o resultado delas.

Que esta mensagem nos leve a refletir, e a valorizar o que realmente importa.

Ainda há tempo para você se arrepender de seus pecados e voltar-se para Deus através do Senhor Jesus.

Na última volta do ponteiro da vida, para onde vai a sua alma?

Onde passarás a eternidade?

Se Deus pedir conta de sua vida nesse momento, o que tens preparado? Para quem será a tua alma?

